

# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

### INDUSTRIA E SCIENCIAS.

#### O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 24.)

615.º As terras podem lavrar-se ou á *raza*, ou em *margens*. Segundo as circumstancias ou habitos locais assim se adopta uma ou outra destas lavouras.

616.º Para *lavar á raza* servimo-nos ordinariamente da charrua, ou do arado de aiveca amovivel ou postica, que na ida e na volta lança sempre a terra do mesmo lado, uma vez que se tenha a precaucao de mudar a aiveca no principio de cada sulco: deste modo as terras vão successivamente alagando os sulcos anteriores, de maneira que o terreno lavrado offerece uma superficie unida sem outras divisões além das que resultão dos regos, que servem de dar escoante ás agoas.

617.º Mas se o arado ou a charrua fôr de aiveca fixa então é necessario seguir outro methodo, que ordinariamente é o seguinte: — Divide-se o campo em porções quadradas ou quadrilongas, e abre-se o primeiro sulco na direcção de um dos lados do quadrado, e depois o segundo no lado, que faz esquadria com este; em seguida o terceiro no lado opposto ao primeiro, e finalmente o quarto no lado opposto ao segundo; de maneira que se vai descrevendo com o arado um quadrado, que fica exarado pelos primeiros quatro sulcos; e governando o arado sempre na mesma direcção inscreve-se ou exara-se dentro deste quadrado um outro, que vem a ser formado por outros quatro sulcos immediatos e parallelos aos primeiros; e depois deste inscrevem-se successivamente outros até ficar um pequeno espaço no centro da peça, que se lava finalmente do modo ordinario.

618.º Se não quizermos dividir o terreno em quadrados ou quadrilongos poderemos lavral-o dirigindo o arado pelas suas estremas; e continuaremos successivamente a dirigil-o pelo lado interior dos primeiros sulcos até chegar ao centro, que se lava tambem do modo ordinario.

619.º Para *lavar em margens* com uma charrua

ou arado de aiveca fixa procederemos do seguinte modo: abrir-se-hão successivamente sulcos parallelos em toda a extensão, e nos dois lados de cada margem, uns n'uma direcção, e outros na direcção opposta, isto é. começar-se-ha por abrir um primeiro rego (A) do sul para o norte, como se vê na seguinte figura;

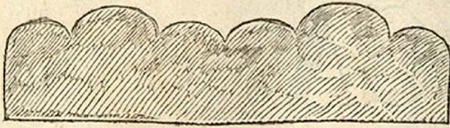


depois abrir-se-ha outro (B) do norte para o sul; em seguida um terceiro (C) ao lado do primeiro, e um quarto (D) ao lado do segundo, e assim por diante virando sempre as terras da esquerda para a direita de modo que fique a final um rego ou raia vazia no meio. Depois desta operação procede-se a uma outra; começa-se a lavoura pela raia mediana, de sorte que os dois primeiros sulcos se apoiem reciprocamente um sobre o outro na mesma raia; e continuão-se a virar todas as leivas dos sulcos successivos para o interior da margem até chegar aos dois lados por onde primeiramente se começara, que ficam reduzidos a dois sulcos vazios. Na primeira operação a margem fica chata, e na segunda abaulada.

620.º As margens ou leivas podem constar de dois sulcos sómente, de quatro, de oito ou mais: estas margens, como se vê na figura que apresentamos em seguida, dizem-se simples quando são formados por um unico segmento de circulo, comprehendendo duas raias traçadas no mesmo nivel;



e dizem-se compostas ou dobradas quando são subdivididas em tres ou quatro margens mais pequenas, separadas por meio de raias menos profundas que as duas principaes e traçadas em niveis differentes sobre a dobrada inclinação da margem principal, como se pôde vêr na seguinte figura.



621.º A lavoura á raza é na generalidade dos casos preferivel á lavoura em margens ou leiras: quando porém o solo tiver pouco fundo ou fôr demasiadamente humido, talvez deva preferir-se esta ultima á primeira.

622.º Sobre a preferencia absoluta destas duas castas de lavouras muitas contestações se tem levantado; mas nós supponmos que poucas objecções rasoaveis se poderão oppôr aos fundamentos da opinião emitida pelo celebre *Thaer*, que se pronuncia a favor das lavouras á raza. E com effeito nos solos lavrados por este methodo é a flor da terra distribuida com mais egualdade por toda a sua superficie do que nos lavrados em margens, que se vêem despojados da melhor terra n'uns pontos para a terem em superabundancia n'outros — os estrumes e as substancias extractivas, que delles procedem, repartem-se melhor nos primeiros do que nos segundos, por isso que nestes se escoam para as raias marginaes as dissoluções nutritivas, que deixão por este motivo de ser utilizadas pelas plantas — finalmente a semente é espalhada com mais uniformidade, e os amanhos são dirigidos mais regularmente e effectuados com mais facilidade nos primeiros do que nos segundos.

623.º Assim um dos primeiros melhoramentos que o celebre *Dombaste* introduzira na *granja exemplar de Roville*, quando assumira a sua direcção, foi aplanar a sua superficie por labores successivos, destruindo as leiras, que ahi se tinham elevado antes d'elle com tanto trabalho e cuidado.

624.º Portanto a não ser em alguns casos exceptionaes julgamos, que a lavoura em margens deve ser geralmente proscripta.

#### *Sementeiros.*

625.º O afanosos trabalhos da industria agricola encadeão-se intimamente uns com os outros e demandam uma grande vigilancia, uma actividade e perseverança continua; e para que o agricultor veja galardoados estes trabalhos é ainda preciso, além dos seus proprios esforços, que as influencias naturaes o auxiliem, ou que a Providencia o favoreça regulando-lhe aquellas influencias, e dirigindo-lhe a ordem dos tempos e o curso das estações. Não ha por isso industria alguma tão aventureosa e submettida a tão continuas vicissitudes como a industria agricola. Assim vemos que a vida do cultivador é uma vida de receios, e de esperanças, e que depois de terminadas as suas maiores lidas, depois de concluido o ultimo sulco elle levanta os olhos para o céu; e com essa re-

ligiosa resignação, que é o fatalismo do christão, espera humilhado pelos decretos da Providencia, que podem trazer-lhe com o tufão da tempestade ou com os orvalhos da manhã a miseria ou a abundancia da sua casa.

626.º Com quanto uma boa colheita dependa em grande parte dos amanhos dados ao solo todavia o agricultor que o tiver preparado convenientemente tem apenas preenchido uma parte da sua missão. Depois de lavar bem é preciso semear opportuna e regularmente.

627.º Poucas operações agricolas demandam tanta previdencia como as sementeiras; a occasião de as fazer foge quasi sempre tão precipitada, que é mister segural-a pelos cabellos; é principalmente nesta operação que o lavrador illustrado e experiente, que tem sabido recolher na observação attenta dos factos as lições da experiencia, mostra a sua superioridade sobre o camponez descuidoso e rotineiro.

628.º Nós não fallaremos aqui senão da *sementeira em geral*, porque os promenores desta operação terão uma natural cabida quando tratarmos das culturas especiaes das plantas mais geralmente usadas no nosso paiz.

629.º Os conhecimentos que são exigidos nesta operação podem reduzir-se aos seguintes — *escolha das sementes — epoca e profundidade das sementeiras — processos principaes desta operação.*

630.º A *escolha das sementes* deve merecer muito cuidado ao agricultor. A cultura modificando os typos primitivos das especies cria variedades novas, que não sendo susceptiveis desde logo de se reproduzir, adquirem com o tempo uma certa estabilidade que as transforma em *raças hereditarias*, que são outras tantas individualidades especificas de moderna creação, susceptiveis de se perpetuarem pela reprodução. E' por este meio que o agricultor tem feito aquisições e conquistas preciosas sobre a natureza — aquisições e conquistas que elle só pôde conservar nas plantas herbaceas pelo processo de multiplicação que chamamos *sementeira*.

631.º Vê-se por tanto quão solícito elle deve ser na escolha das sementes que tem de confiar ao seio fecundante da terra; visto que os germens contidos nestes orgãos não só conservam e transmittem os caracteres das especies que os produzem, mas ainda os *das variedades hereditarias e estaveis* das mesmas especies, a que chamamos *raças*.

632.º Não é na epoca da sementeira que o agricultor deve procurar adquirir as sementes de que precisa; é na colheita que ha-de tratar deste essencialissimo objecto; porque é então que elle poderá determinar quaes são as variedades mais ricas, mais rusticas e mais accomodadas á natureza do solo. Se por exemplo se tratar de cereaes deve recolher o grão das plantas mais vigorosas e melhor desenvolvidas e deve recolhê-lo no seu completo estado de maturação,

633.º Se as suas culturas forem bastante extensas convem que destine expressamente uma ou mais porções do seu campo para o apuramento das suas sementes — e se assim proceder ha-de vêr sempre o seu trabalho largamente remunerado.

634.º A renovação das sementes é uma pratica aconselhada pelos melhores agronomos: ellas degeneram commummente nos paizes que lhes são pouco propicios e que diversificam mais ou menos do seu paiz natalicio. As sementes exóticas tem uma tendencia natural a aproximar-se do typo das indigenas — o que evidentemente aconselha a sua renovação principalmente naquelles paiz esonde ellas não encontrarem todas as condições de um vigoroso e natural desenvolvimento. A troca das sementes do trigo entre os diversos paizes dos Estados da União tem produzido grandes vantagens; em quanto que na Sicilia, paiz natalicio daquella graminea, conservam-se sem mudança e sem inconvenientes as mesmas variedades de sementes desde tempo immemorial.

635.º E' preciso não empregar sementes, cuja facultade germinativa se ache deteriorada. Existem algumas que conservam aquella facultade durante annos, e existem outras que a perdem no fim de alguns mezes. A maior parte das plantas economicas germinam bem nos primeiros dois annos depois da colheita; mas em todo o caso tem-se observado que as sementes novas produzem individuos mais vigorosos do que as velhas.

636.º A epoca da sementeira não pôde deixar de subordinar-se ao clima, ás circumstancias do anno, á exposição do terreno, e á propria natureza da planta que se pertende cultivar. Fôra um grave erro suppor que ha em cada paiz uma epoca fixa para esta operação agricola. O proverbio inglez = *antes semear fôra de tempo, do que fôra de temperatura* = deve estar sempre presente aos nossos agricultores. Quando semeamos na epoca ordinaria, mas fôra da sazão, em virtude da inclemencia da estação, perdemos ordinariamente a semente e o trabalho; e pelo contrario se acaso semeamos um pouco fôra da epoca, mas em occasião aliás opportuna poderemos alcançar uma boa colheita.

637.º As sementeiras do outomno são indicadas por phenomenos naturaes, que se tornam communs a quasi todos os climas — a queda das folhas da maior parte das arvores, o despontar das gramineas ou o reverdecer dos prados, o trabalho e a actividade das aranhas no urdir das suas teas são indicios seguros que nos revellam a sazão mais opportuna das sementeiras.

638.º Na maior parte dos districtos do reino devem semear-se as gramineas, e particularmente os trigos e centeios desde o meado de Outubro até ao meado de Novembro. Os districtos do norte devem geralmente antecipar-se uns quinze dias em relação aos do sul; do mesmo modo que os paizes montanhosos po-

brês e frios em relação ás planicies temperadas, resguardadas e pingues.

639.º Quando se antecipam consideravelmente as sementeiras do outomno e se retardam as chuvas proprias desta estação perde-se uma boa parte da semente por ser devorada pelos passaros e pelos insectos: mas quando pelo contrario as sementeiras se fazem no tarde, e o inverno se apresenta rigoroso, é excessivamente retardada a vegetação com prejuizo manifesto das colheitas. Donde se conclue que o melhor arbitrio a seguir é o do termo medio. A germinação espontanea é sempre o melhor e mais seguro indicio.

640.º As sementeiras da primavera devem praticar-se logo ao começar desta estação, ou ao despontar das folhas para que não venha o estio surprehender a planta na sua infancia quando ainda não tem o sufficiente vigor para resistir aos rigores desta quadra.

641.º A occasião de proceder a estas sementeiras deve aproveitar-se apeuas se apresente: esta occasião é tão rara e tão fugitiva que devemos utilizal-a sem perda de tempo. A's vezes não se estende além de poucos dias a opportunidade de semear e se a deixamos desaparecer não se torna a reproduzir.

642.º Nesta estação devemos semear primeiro as terras calcareas e siliciosas do que as argilosas e tenazes; estas ultimas, retendo fortemente as agoas do inverno enchugam-se muito mais tarde do que as primeiras, e não entram tão depressa em sazão. No outomno porém por uma razão inteiramente contraria deve a sementeira das terras argilosas preceder as siliciosas e calcareas. Esta regra está porém sujeita a ser modificada em muitos casos dependentes de circumstancias locais. Só depois do agricultor haver estudado muito seriamente a natureza do seu clima, e solo poderá chegar a distribuir os seus trabalhos de uma maneira economica e regular, e a conhecer a melhor opportunidade de executar a sementeira nas diversas divisões do seu terreno.

643.º A sciencia tem-nos ensinado quaes são as condições exteriores á semente indispensaveis á germinação. Entre estas condições ha duas principaes, que são a presença do oxigenio do ar, e a privação do contacto da luz.

644.º Quando as sementes são profundamente enterradas no solo e sultrahidas assim á acção do ar atmosferico ficam durante muito tempo sem manifestar signaes alguns de desenvolvimento, e quando se acham em contacto com a luz directa ou difusa ficam egualmente no mesmo torpor.

645.º Daqui resulta que para ficarem as sementes submettidas no seio da terra a estas duas condições, é preciso que sejam cobertas por uma camada de terra solta e pouco espessa, que deixe penetrar o ar, mas de modo nenhum a luz — donde se infere que as sementeiras não devem ser muito profundas.

646.º Esta profundidade porém é relativa á grossura da semente, e á natureza do solo. Quanto mais

grossa fôr a semente tanto mais profundamente a devemos semear: e quanto mais tenaz e argiloso fôr o solo tanto mais superficial deve ser a sementeira; a primeira destas proposições tem algumas excepções, mas a segunda é de uma exactidão absoluta. E' geralmente reconhecido que raras sementes germinam enterradas a mais de 5 ou 6 polegadas.

647.º Indicaremos aqui as diversas profundidades a que, segundo as praticas de *Roville*, são enterradas as sementes das principaes plantas agricolas em terrenos de media consistencia.

648.º A faverola é de todos os vegetaes cultivados o que supporta uma mais forte camada de terra — mesmo n'um solo tenaz ella germina muito bem a 3 ou 4 polegadas de profundidade.

649.º A cevada e a avcia carecem de duas polegadas a duas polegadas e meia.

A ervilhaca, as lentilhas, as betarrabas, as ervilhas, o centeio, e o trigo de uma a duas polegadas.

Os feijões, o maiz, e a colza de uma polegada e meia.

As outras sementes oleaginosas, o linho, e a rutabaga de meia polegada.

Os nabos, e as cenouras de meia polegada.

Em fim as sementes dos prados artificiaes, as dormideiras, e a chicoria demandam apenas uma muito ligeira cobertura de terra.

650.º *A quantidade da semente* a empregar é um ponto interessante que a theoria e a pratica tem, segundo parece, resolvido cabalmente. A germinação é um phenomeno que não se verifica sem a acção combinada e simultanea de um certo numero de condições, umas organicas, e outras meteoricas. Sempre que alguma ou algumas destas condições deixam de concorrer, como acontece frequentes vezes, torna-se impossivel aquelle phenomeno, e por consequencia o desenvolvimento da planta.

651.º Não poderia duvidar-se de que a quantidade de semente geralmente empregada fosse excessiva, se todas as sementes confiadas á terra germinassem e dessem nascimento a plantas bem desenvolvidas; mas não acontece assim porque uma porção maior ou menor dessas sementes por mais bem escolhidas que sejam não tem a faculdade germinativa por defeito ou vicio organico, outra ficando muito á superficie da terra é destruida pelos animaes, outra finalmente sendo profundamente enterrada deixa por essa razão de germinar.

652.º Conhece-se por tanto a razão porque alguns agricultores que não tem attendido a todas estas perdas, se persuadem que a semente geralmente empregada é excessiva; e porque outros, que tem exaggerado aquelles estragos a julgão diminuta.

653.º Nos solos ricos e substanciaes deve semear-se *ralo*, porque as plantas adquirindo nestes solos grande crescimento convem que tenham entre si o sufficiente espaço para poderem afillhar e desenvolver-se,

principalmente se forem colmiferas, cuja tendencia á producção de successivos lançamentos é muito pronunciada. Se nestes solos semcarmos *basto* veremos o desenvolvimento das plantas contrariado pela sua multiplicidade; por isso que na terra as raizes de umas invadindo os districtos das outras lhes roubarão os succos nutritivos, e na atmospherá os caules pela sua excessiva proximidade se interceptarão a luz, a livre circulação do ar, e de outros metcoros indispensaveis á boa vegetação.

654.º Nos solos pobres e soltos deve pelo contrario semear-se *basto*, visto darem-se ali condições inteiramente oppostas ás dos solos antecedentes.

655.º Quando as sementeiras forem temporanas convem diminuir a quantidade da semente, porque a germinação é mais prompta e completa, e convem pelo contrario augmentar-a nas sementeiras serodias pelo opposto motivo.

656.º Tratando de algumas culturas especiaes nós indicaremos a quantidade de semente que se deve empregar n'um solo medianamente fertil e consistente.

657.º Não se conhecem mais do que tres processos ou modos de semear. Semca-se a *lanço*, em *viveiro*, e em *regos*.

658.º *As sementeiras a lanço* são o processo mais geralmente empregado por sua antiguidade, simplicidade, e expedição: este processo é talvez o que apresenta menos inconvenientes, principalmente nas grandes culturas de cereaes e de prados artificiaes.

659.º O semeador depois de dividir o campo que pertende semear (se fôr muito extenso) em porções commodas, diante das quaes colloca a correspondente semente, começa a espalhar-a em cada uma destas porções, lançando-a compaçadamente aos punhados e por alto da direita para a esquerda tanto na sua ida como na volta; e assim continua até ao cabo, procurando executar esta dispersão com a maior egualdade possivel.

660.º A grande difficuldade desta operação consiste em distribuir uniformemente a semente sobre a superficie do campo, segundo a intenção formada de semear ou mais *basto* ou mais *ralo*.

661.º Um bom semeador nunca se deve confundir com os demais trabalhadores do campo; aquelle que possuir a rara habilidade de distribuir a semente com egualdade e com economia é de tanta vantagem ao cultivador, que merece ser não só bem remunerado, mas tido em grande consideração. Os homens que possuem esta habilidade encontram-se raras vezes, e devem até por esta razão ser devidamente apreciados.

662.º *A sementeira faz-se em viveiros* quando pretendemos crear plantas para depois as dispôr ainda tenras nos terrenos onde queremos que floresçam e fructifiquem. Para este fim escolhe-se uma pequena porção de boa terra e divide-se em taboleiros, que se estrumam e fabricam com o maior cuidado. Lança-se-lhes depois a semente, e quando as plantas se acham

mais ou menos desenvolvidas, transferem-se do viveiro ou do alfobre para o campo que se lhes destina. Os preceitos a seguir nestas plantações pelo que respeita á preparação do terreno, escolha da planta, e execução da operação serão succintamente apresentadas em outro lugar.

663.º Faz-se a *sementeira em regos* aparelhando a terra, como se fôra destinada para uma sementeira a *lanço*; abrem-se depois os regos na distancia de oito a dez pollegadas uns dos outros, e vaise lançando em cada um delles a semente grão por grão ou á mão ou por meio do *sementeiro*. Este instrumento, que adiante descreveremos, é de um uso antiquissimo na China; e foi introduzido e recommendado na Europa por alguns agronomos de grande auctoridade, como foram entre outros *Patullo* em Hespanha, *Tull* em Inglaterra, *Duhamel* em França, e *Felleberg* na Suissa. As suas vantagens são distribuir a semente no terreno com egualdade e quasi sempre em linhas parallelas — introduzir o grão na terra á profuudidade que se deseja — e economisar uma parte da semente. Os seus inconvenientes consistem em demorar por muito tempo e tornar mais dispendiosas as sementeiras — em não se poder applicar a todos os terrenos — em ser uma maquina cara, de facil deterioração e de difficil reparo, e que além disso carece de ser manejada por operario intelligente.

664.º Apesar destes defeitos está porém provado, que o *sementeiro* tem vantages que excedem os seus inconvenientes, e merece ser mais generalisado principalmente nas granjas ou nas herdades onde existem estabelecidas grandes culturas. Em as granjas exemplares de *Roville* e *Grignon* faz-se um extenso uso deste instrumento.

665.º Apenas as sementeiras se acharem concluidas deve tratar-se de cobrir a semente, o que se faz por meio do rolo, da grade, do arado, ou do extirpador, conforme a profundidade a que se quer enterrar. Quando as sementes são muito miudas, e quando devem apenas ser cobertas de terra, basta fazer passar pelo terreno o rolo, e ás vezes mesmo um

rebanho de carneiros para ficarem sufficientemente enterradas.

José Maria Grande.  
(Continua).

### SECREÇÃO ARTIFICIAL DE LEITE.

Nos Annaes das Sciencias do reiuo lombardo-veneziano encontra-se a seguinte nota de Mr. Zerletto relativamente a um uso notavel dos pastores e cabreiros de Verona.

« E' um costume diario entre elles, diz Mr. Zerletto, procurar á vontade a secreção do leite nas cabras, ainda que sejam virgens ou infecundas, ou tenham parido ha muito tempo. A operação por meio da qual elles provocam esta secreção é designada no paiz pelas palavras *pôr a cabra em leite*. Para obter este resultado estimulam as tetas destes animaes batten-do-lhe com ortigas communs ou *urtica urens*, e depois premindo-as com força nos bicos como se estivessem carregadas de leite. Esta *urticação* e esta *mulção* repetem-se quatro ou cinco vezes no dia, por seis ou sete dias sem interrupção. No fim deste tempo o leite apparece, e para continuar a sua secreção basta ordenhar como se costuma fazer ordinariamente. Este leite não lhes tem nunca parecido differente do que corre depois dos partos; elle possui de feito todas as suas qualidades aparentes, e não é menos agradavel nem ao paladar nem ao estomago.

Este facto é conhecido por todos os habitantes do paiz, mas na sciencia não faltam exemplos da apparição do leite ou espontanea, ou em resultado da sucção, sem prenhez preliminar, e mesmo nas femeas virgens, já nos animaes, já na nossa especie, mesmo nos homens; mas sabe-se pouco acerca destas secreções lacteas, produzidas artificialmente, e o meio de que acima se trata merece ser assignalado aos agricultores. »

## LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



### RUBENS.

O principio gothico, que se desenvolveu no seu primeiro periodo por toda a Alemanha, foi rapidamente introduzido na pintura, e misturado com os elementos bizantinos. Foi em Colonia, que este principio dominou soberanamente na escola de Wilhelm; porém, arrancado desta cidade pelos Van Eyck, não tardou em se transformar no naturalismo, mais ou menos elevado, que constitue o caracter natural da escola flamenga.

Hunling, filho desta escola, é o que provou na suas composições sublimes, que ella podia subir ao mais elevado e puro sentimento christão; pintar o ascetismo das almas ardentes, e o idealismo dos typos mais puros da religião. A ruina da liga hanseatica deu em resultado o perderem-se ainda mais as tradições da primitiva escola: o contacto com os italianos, e

com os outros artistas da Europa, lançou n'um caminho novo os artistas flamengos.

Quintino Metsys o ferreiro, que o amor transformou n'um pintor sublime, os Brengbel inspirados pela energia alemã; Van Orley, Miguel Coxcie, e Franc Flóris o *Raphael flamengo*, compenetrados pelo gosto das escolas italianas, formam a transição das primeiras épocas para Rubens.

Rubens foi o herdeiro sublime de todas estas bellas tradições. Em todas as suas composições encontram-se, apesar do seu espirito profano, dois pontos pelos quaes ellas se assimilham com as produções dos antigos mestres: a imitação vigorosa da natureza, e o colorido ardente e brilhante.

Rubens nasceu em Colonia em 1577. Logo nas primeiras épocas da vida elle mostrou uma grande disposição para a pintura, e seu pae fel-o entrar na escola de Tobias Vestraccht, que vivia em Antuerpia,

porém não podendo, pelo seu genio irritavel, supportar este mestre, nem tão pouco Adão Van Oort, Rubens entrou finalmente na casa de um artista celebre, chamado Otho Venius, que reunia aos seus conhecimentos especiaes uma vasta instrucção litteraria, e um character excellente. Foi Venius quem teve a honra de formar o mais celebre artista daquelle tempo.

Venius, depois de ter dirigido a educação de Rubens pelo espaço de quatro annos, fez-lhe com a maior candura a confissão de que os seus conselhos já de nada lhe poderiam servir; e foi em consequencia disto que Rubens partiu para a Italia, auxiliado pelo archiduque Alberto, governador de Netherlands.

De todas as escolas italianas, a que mais influio sobre o talento de Rubens foi a venesiana, sobre tudo pelas obras dos dois grandes mestres, Ticiano, e Paulo Veronese.

Em Mantua o illustre pintor compôz dois bellos quadros para a igreja dos jesuitas; quadros que são contados entre os melhores de Rubens pela perfeição com que foram executados e sobre tudo pelo effeito. Em Roma, onde se demorou bastante tempo, copiou para o duque de Mantua muitas pinturas celebres, o que lhe fez augmentar ainda a muita reputação que já tinha então: de modo que em 1605 o duque mandou-o como seu representante diplomatico, para Hespanha, onde tirou o celebre retrato de Filippe III.

Madrid possui um numero consideravel de quadros de Rubens, executados por elle principalmente na epoca da sua segunda viagem á Hespanha, em 1628. Os mais notaveis são os que foram pintados para o convento dos carmelitas, e os oito destinados para o paço, dos quaes um representa o rapto das sabinas, outro uma batalha entre sabinos e romanos, e os outros seis, Diana e as Nymphas, o triumpho de Bacco, o juizo de Pariz, Perseu e Andromada, o rapto de Helena, e o martyrio de Santo André, e além destes um retrato do rei a cavallo.

Um dos factos que provam mais completamente a facilidade com que Rubens trabalhava, é o modo admiravel e o curto espaço de tempo em que elle compoz os quadros, que lhe foram encomendados por Maria de Medicis; e em que se vêem representados os acontecimentos mais notaveis da vida desta princeza. Estes quadros que são em grande numero, e de uma belleza singular foram executados em menos de tres annos.

A pintura que faz objecto da estampa representa « S. Martinho cortando a capa » e acha-se na galleria da Rainha de Inglaterra. É um quadro caracteristico, e muito admirado, pelo seu colorido, character, movimento e expressão. S. Martinho, como militar que era, está montado e armado; e olha para um grupo de mendigos que o cerca, repartindo com elles os pannos da sua capa.

Rubens aos seus talentos como pintor reunia variados conhecimentos em litteratura e sciencias; e foi

por vezes encarregado de missões diplomaticas difficeis, que todas executou com feliz exito.

A sua reputação era immensa; e as encomendas de quadros que de todas as cortes da Europa lhe eram feitas não tinham conta. A sua imaginação inexgotavel e o auxilio de discipulos illustres é que lhe tornaram possivel a producção dessa tão immensa copia de pinturas, que se encontra espalhada pelas gallerias da Europa.

Na idade de cincoenta e oito annos Rubens foi accommittido por um violento ataque de gota, que o obrigou a abandonar todos os trabalhos grandes, e a limitar-se ás pequenas composições: mas nem por isso abandonou a pratica da sua arte, e a educação dos seus discipulos. Foi em 1640 que o illustre pintor morreu em Antuerpia, onde foi enterrado com grande pompa.

---

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

---

CAPITULO XXIV.

(Conclusão.)

*Em que se dão muitas noticias curiosas.*

« A noite dá bom conselho » diziam os nossos velhos pondo a excellente regra de não trovar de repente. É o motivo tambem porque Horacio tão sensato e folgazão ordenava como remedio heroico para obras litterarias uma lima de nove annos. Na realidade se o preceito fosse observado em rigor haveria menos abortos e mais correcção nos escriptores. A publicidade é grande inimiga dos poetas.

Mas o que tem a conclusão de um romance do seculo treze com tudo isto? A que proposito vem agora as homilias? No prologo onde é costume tradicional abrir-se o locutorio do auctor, chegar elle á grade, e deprecar ao publico segundo o estillo, entendia-se e explicava-se; mas nas ultimas paginas, quando queremos saber o que succedeu, quando só queremos que nos refiram a summa dos acontecimentos, e as legitimas consequencias delles, parece manifesta falta de respeito estar a queimar o leitor a fogo lento como S. Lourenço sobre a sua benta grelha.

« A materia! » nos clamam, como se grita em França ao orador que se amarra á tribuna; nada de proloquios! « Protestamos contra a tyrannia á face de Deus e em presença dos hemens, com toda a solemnidade requerida para taes actos. Se desejam ouvir hão-de ser indulgentes, hão-de ter paciencia. A nossa queda é a digressão. Conheccemos um ca-

valleiro até que morre pelas digressões a ponto de se apossar do exclusivo da palavra e de cada discurso se assimillar áquelles mappas geographicos, onde os rios deitam inumeraveis braços para todos os lados.

« A' materia ! á materia ! » E' exacto, começa a ser abuso. A materia porém sobeja tanto entre nós que algum espirito, havendo-o, não lhe fazia mal. Mas entremos depressa nas explicações pessoaes que são a ordem do dia deste capitulo.

Vamos dar uma curiosa e importante noticia aos leitores. Este romance nasceu na Ajuda aos 22 de Março do anno do Senhor de 1847, e foi baptizado e entrou no gremio na famosa casa de penitencia e oração das « Cortiças da Serra », em Cintra uma Quinta Feira Santa 20 d'Abri! de 1848. Se não viajou como o astucioso Ulisses, nem chegou á respeitavel seuctude de Nestor, não é com tudo muito rapaz. Não andou por vapor com grande pezar seu. A ultima scena, o derradeiro combate que desenlaça a tragedia, quasi que se pintou no meio da paisagem severa que rodêa o antigo convento, cercado de penedias, posto á sombra do incendio, e feito para levantar o pensamento humano das miserias da terra á serenidade e grandeza do céu.

Nada ha tão profundamente christão e sublime como o aspecto silvestre daquelle retiro, d'onde tinham sido desterradas as commodidades vulgares e até a suspeita dellas. Cubiculos que são estreitos mesmo para sepulturas; cortiças cubrindo os penedos das paredes; solidão e melancolia por toda a parte; uma cruz para ajoelhar, uma cova para dormir, e a esperanza assentada no templo apontando aos monges desta nova Thebaida o camiho tão agro que leva da penitencia ao seio da gloria, eis as doçuras e os prazeres que alli se disfructavam.

Os monges foram-se; e essa pouca vida que neste logar podia haver passou com elles. Depois de serpear pelas sendas escabrosas, abertas nas rochas, ora pendidas, ora aprumadas da pittoresca serra de Santo Antonio, chega-se ao sitio onde está o ermiterio. A porta são dois penedos meios tombados; fóra arvores silvestres; pobreza e rusticidade dentro formam todo o regallo da santa morada. Aquelle convento nunca desceu do ermo para o povoado; nunca entrou nelle senão a fé, o recolhimento, e a penitencia. Diante deste sepulchro as loucuras da ambição e os sonhos das glorias morredouras da terra fogem como fumo. Dalli não se vê senão o céu. Em similhante deserto, aonde não chegava o ecco da voz do mundo, não se fallava senão de Deus.

O que será feito a esta hora dos pobres velhos que lá se tinham amortalhado, e que já haviam escolhido entre aquellas pedras a sua cova? Para onde os arremessou a onda, ou a que porta os levou a charidade? Tão perto e ao mesmo tempo tão longe da cidade como souberam achar a lingua dos homens, que desaprenderam no silencio claustral, e a sociedade que não co-

nheciam nem os conhecia a elles? Debalde interrogamos os corredores e as cellas; estão desertas e patentes ás tempestades da serra: são mudas hoje como a bocca talvez dos que as habitaram. Adivinham-se prodigios de resignação e de crença; sente-se que naquelle porto não entraram as procellas de fóra senão uma vez; — o mais desapareceu. A unica, a só cousa que resta de tudo aquillo é a tradição popular de um Santo e a cruz singela de uma igreja. O mais perdeu-se para sempre. . . Mas continuemos a noticia.

Eram 20 d'Abri! A manhã tinha rompido serena com a mais esplendida aurora de primavera. Puzemo-nos a caminho uns poucos de peregrinos em devota romaria a Santo Antonio das Cortiças, não em camellos como a caravana arabe, mas nos prosaicos jumentos da umbrosa Cintra. Em redor de nós tudo respirava fresquidão e fragrancia. As arvores, os jardins, os campos, e as flores tinham uma frescura e uma variedade de tons admiravel. O céu sem uma nuvem; as fontes sussurrando entre ramagem, e as aves trinando, compunham um painel, que se fosse este ainda um seculo de idilios e de eclogas seria inexgotavel na frauta de um Melibeo! Que paisagem para fundo dos innocentes amores de uma Philis, e para as magoas de um Pastor Fido?! Desgraçadamente a Musa do Idilio repousa no tumulto junto do Minuete, dos Acrosticos, e das Silvas de rebombante memoria. Cahiram como papoulas sob a vara dos Tarquinius!

Passando, vimos a Pena, o castello mouro que parece pousado sobre as nuvens. A luz do sol dourava as cupolas arabes e deixava divisar menos confusamente o engenhoso e fantastico lavor com que o cinzel recortou nos porticos e janellas todos os caprichos e graças da Alhambra. O que ha de mais ligeiro e esbelto, de mais aerio e ousado na arte contemplam-no alli os olhos absortos.

Adiante, o alcacer mouro queimado dos seculos conserva ainda erecta como sentinella da serra a celebrada torre de « Bernardim Ribeiro. » A tradição assegura-nos que alli vinha o poeta das saudades prantejar a negra sina dos seus breves e chorados amores. Moram hoje no castello velho dois pelicanos, algumas gazellas, e um Antilopo; receberam-nos soffrivelmente, fazendo as honras daquellas ruinas com certa gravidade que não lhes ficava nada mal. São sustentados por El-Rei que naturalmente os destina para o alcacer da Pena, monumento glorioso da sua grandeza como Principe, e do seu gosto como Artista.

— « Mas Bernardim Ribeiro não se deitou a affogar ao Tejo por lhe levarem a princeza? » — perguntou uma senhora ao chegarmos ao pé da Torre velha.

— « Não é de fé. O auctor de Gil Vicente mesmo não o affirma officialmente; — se não me engano, creio até que o poeta das audades, jurando morrer pelos olhos de Beatriz, jureu o santo nome de Deus em vão. »

— « Então? »



— « Consolou-se, minha senhora, morreu agiota em Africa! »

— « Ora abi está em que param sempre os gemidos de Apollo! — acuiu outra senhora rindo.

Assim conversando e rindo mettemos então por uma das veredas da serra, e demos principio no triste chouto dos heroicos Babiecas á nossa penosa romaria. O sol aquecia mais de cada vez; e um vento secco, ás lufadas, passava suspirando sobre as cabeças musgosas dos penedos que pendidos ou aprumados se debruçam, parecendo que vão despenhar-se a cada instante. Do mais alto da serra descubria-se ao largo o oceano resplandecente como diamante; e via-se na praia das Maças a onda enrolada desenovelar-se e rebentar em flor. Para a raiz das immensas penedias a vista aqui apercebia um maciço de verdura; além uma cortina de pinhaes; e mais longe o alvejar de casas entre frondosos arvoredos. Lord Biron tem razão. Naquelle altura as nuvens servem de pedestal ao homem; — passam submissas aos seus pés! Espectaculo na realidade sublime o desta paisagem onde os toques são tão bellos e originaes; onde o ameno se abraça com o severo, e a magestade se realça a cada hora com as rissonhas fórmas de uma natureza alegre e variada! . . .

« Mas a conclusão do romance? » clama o leitor, que desta vez é justo confessar que tem razão. — « O que succedeu a D. Egas, curou-se, morreu? E D. Maria; e mestre Zacharias Zuleima? »

Chegamos ao convento das « Cortiças. . . » (leitor respeitavel olhai que não é digressão, é solda para ligar a cabeça ao tronco.) Depois que respirámos visitaram-se sitios devotos, viu-se a gruta de Santo Onofre, o refeitório, e a igreja. Em quanto se descansava é que se leu esta novella, e as perguntas tambem vinham de todas as partes. « Pois acaba assim? Pois não nos diz mais nada do judeu? Não nos conta o que fez o rei? Queremos saber por força o que aconteceu depois da batalha da ponte. . . »

— « Mas no theatro em cahindo o panno acabou-se tudo. Supponham. Cahiu aqui o panno. »

— « No theatro, sim, mas no romance. . . ! Gosto muito pouco da sua Maria Paes, sabe? Podia ter escolhido uma dama, que não fosse um monstro. »

— « Minha senhora as damas más são excepções, por isso não alteram a pureza do culto e da adoração geral; demais a Chronica e o Nobiliario dizem. . . »

— « Devia-os deixar dizer. Cuida que é bonito estar a fazer de uma senhora um coração de fera. . . ? Não sei se lhe perdoaremos; eu por mim. . . »

— « V. Ex.<sup>a</sup> absolve, decerto. Lavra-se protocolo em que o auctor protesta: 1.<sup>o</sup> ser fiel ás damas e nunca as descrever senão bellas como a Clorinda do Tasso, e puras como a Beatriz do Dante: — 2.<sup>o</sup> Separar-se dessa escola malcreada que nem respeita a graça, nem venera as tradições da casta Musa Arcadica: — 3.<sup>o</sup> Não saber nunca do estillo orthodoxo. Assim convertida é-me concedida a amnistia? »

— « Com essas condições?! . . talvez. Ouça. Porque matou Gomes Lourenço? O pobre rapaz não merecia. . . »

— « Não fui eu, foi a historia que o matou; e mais veja V. Ex.<sup>a</sup>. . . »

— « Nada, não tenho que vêr. Não sabem escrever senão officios de defuntos. E' sempre mortes, sangue, e magoas. Parece que estamos em terra de canibaeas. »

— « Ferocidade theorica minha senhora! Os Neros da litteratura são excellentes pessoas. Alguns posso attestar a V. Ex.<sup>a</sup>, que até gozam da saude mais teimosa e de côres tão bellas que os põem em contradicção com a sensibilidade exaltadissima. . . do genero. Dos obesos e sadios não se fazem Marats. Depois quaes são as victimas que devoram? E' a sua imaginação, é. . . »

— « São as Lucrecias, as Marias Tudós, os Antonys? . . . Bem sei. Mas estes antropopbagos intellectuaes são implacaveis e insaciaveis. »

— « Nada, atalhou a outra senhora fechando o leque, e com um sorriso fino — estes senhores estão ensaiando o valle de Josaphat. O que nos dão em Portugal como novo, enterrou-se em França ha dez annos pelo menos. São os mortos que ressuscitam »

— « E' crueldade e injustiça minha senhora. . . »

— « Olhe, da sua novella sympathiso só com o Judeu, e o Armeiro. . . »

— « Pois nem o padre Fr. Munio escapa ao menos? »

— « Salve-se esse tambem — e sou elemente. Que preversa alma a do seu Lidador! é um verdadeiro monstro. »

— « A minha defeza está nos costumes da epoca. Hoje, e ha dois seculos mesmo, semelhante cousa seria falsa, absurda. Naquelle era verosimil. »

— « Póde ser verosimil, não nego, mas asseguro-lhe que é uma verosimilhança abominavel. Porque não sahem dessa idade media de máu agouro, onde tudo acaba no cemiterio? Não tem D. João V, Alfonso VI, e as guerras da Africa e da India? »

— « Para cumprir as ordens de V. Ex.<sup>a</sup> e obter o meu perdão protesto desde já tentar um romance, em que procure mais riso do que lagrimas, e tudo acabe christãmente pelo casamento de rigor como nas bodas de Figaro. »

— « De que tempo? »

— « Do tempo das aventuras freiraticas e das galanterias perfumadas. Ha-de ser D. João V puro. »

— « Entra o Camões do Rocio? »

— « Perdão minha senhora, é segredo de estado. Não se sabe, ou não se diz. »

— « Não cuide que nos escapa assim. Ha-de acabar-nos o romance. Vamos, diga: o que succedeu depois da morte de Martim Paes a sua irmã? »

— « Declaro-me coacto e obedeco. Entre tanto não respondo absolutamente pela veracidade das informações archeologicas, que estão encarregadas a certo abbade antiquario. »

— « Não importa. Diga sempre. »

— « Como querem por força . . . demitto de mim a culpa. Passo o Rubicon. »

« Logo que Affonso II chegou ao sitio do combate o som da sua trompa chamando os cavalleiros empenhados em seguir a D. Maria Paes, deu a esta meio de se salvar. Porém se escapou á morte não se livrou dos remorsos. Tempos depois casou, e a maldição de Gomes Lourenço cahiu sobre ella. Esposa, mãe, e irmã padeceu a dôr da viuvez, do amor maternal, e da amizade fraterna. A' força de chorar perdeu a vista, e ainda viveu assás para ouvir seus netos, desgraçados, maldizerem o sangue que os gerára, e a hora em que nasceram. »

— « E o filho de Gomes Lourenço? »

— « Esse levou-o Affonso II para o paço, e por tal modo protegeu a sua infancia e amparou a sua mocidade, que D. Egas, depois de restabelecido, julgou-se desobrigado do dever que seu irmão lhe legára. Em quanto viveu o Monarcha foi para o orphão um pai estremoso, e elle pagou-lhe servindo-o, lealmente sempre e a el-rei D. Sancho.

— « Mas onde ficou o Judeu? Pero Britador tinha-o soldado, e . . . »

— « E aqui o temos mais perto do que imaginam. Não ha dôr que dure muito. Ainda as lagrimas brilhavam nos olhos de todos ao chegarem á ponte, arena do duello, quando um espectáculo bem diverso veio alegrar a tristeza geral. O nosso amigo D. Zuleima, apenas solto, procurou el-rei, e não quiz separar-se d'elle, aturando as fadigas da jornada com resignação exemplar. E por isso chegou derreado mas contente a tempo de vêr o cadaver do seu expoliador. O Judeu no meio de todas as vicissitudes não perdera nunca a fé. Acreditava rehaver de Martim Paes os marevediz roubados, como acreditava em Moyses e na tou-ra. D. Affonso II, para gozar da anciedade do phariseu fiscal, tinha-o utimado sob pena de morte para repôr o dinheiro nos seus cofres dentro de quinze dias contados. Já se vê que esta ordem devia dar azas a D. Zuleima.

De feito, em quanto el-rei e os cavalleiros conversavam um pouco arredados, mestre Zacharias apeou-se e foi direito ao corpo de Martim Paes. Dizia-lhe o coração que as duas bolças estavam por alli. Apalpou, revolveu, esquadrinhou tudo, e já se lhe ia torvando a serenidade do rosto, quando desatacando os fechos do arnez, entre este e uma especie de aljuba de anta, descobriu os bellos captivos com a mesma obesidade de bom agouro, em que os deixara. Levando em cada mão sua bolsa o nosso amigo principiou a clamar com entranhavel jubilo.

— « Venceu o Leão de Judá! Apanhei aos philisteus a arca santa. Estou salvo, estou quite! »

D'ahi reflectindo um pouco no meio dos nobres que o rodeavam ás risadas, e dos piões que de mais longe o observavam nos bicos dos pés, pôz-se a contar o dinheiro e a rever as moedas. Não faltava nada. O ju-

deu ergueu-se então, atirou dois saltos como um jorgal, e voltando-se para Pero Britador euclamou:

— « Mestre Pero, se precisaes, estão cem soldos ao vosso dispôr. »

Era dia de jubileo bem se via pelo insolito rasgo de magnanimidade.

— « D. Zuleima — redarguiu o armeiro — guardai os soldos, e lembre-vos o meu foro de cavalleiro villão. Se esquecer . . . sabeis se mordo. O dito, dito. »

— « Nós arranharemos o caso do foro com os alvaziz de Coimbra — acudiu Affonso II. — Não queremos que o armeiro nos deixe sem ovençal. »

Assim terminou o conflicto entre o phariseu fiscal e o Vulcano Conimbricense. D. Zuleima, porém, estava outro homem; e d'ahi em diante viveu sempre bem com todos. Na sua velhice entretinha-se em contar a seu filho Samuel como um maldito Santão o quizera obrigar a rezar o credo, e a maneira milagrosa porque o grande Jehovah o salvara deste peccado.

— « Muito bem. Falta só o armeiro. Que foi feito d'elle? »

— « Succedeu-lhe uma grande desgraça pouco depois. Casou-se! »

— « Acha? »

— « Sempre em referencia á epoea, minha senhora; é claro. Pero Britador cresceu em fortuna e chegou a ser alvazil. Na edade grave os curiosos visinhos que iam ajudal-o á ceia, ouvindo a historia de Gomes Lourenço, que elle contava pelo menos duas vezes por semana, perguntavam-lhe por D. Egas, que tinha desaparecido. E mestre Pero, pondo então as mãos na cabeça de Estevinho seu filho unico, respondia sempre:

— « Deus te livre, filho, dos amores de Gomes Lourenço, e da sina de D. Egas o ermitão. »

— « Cuidai que acabava peor. — Disse uma das senhoras, cuja critica cortante já em toda a boa fé reproduzimos. — O fim não é tão máu como eu esperava. »

— « Minha senhora a razão é simples. Quasi sempre dos maiores peccadores sahiram depois os maiores santos. »

— « Sim? Pois eu digo, que melhor é não tentar a Deus. »

Levantamo-nos e partimos. Sobre a tarde chegámos ao Linhol, e jantando, celebrámos ainda uma vez a memoria das proezas gastronomicas de D. Zuleima em Santa Olaia.

L. A. Rebello da Silva.

Sr. Redactor.

Esta carta não é um prologo — é apenas uma applicação. Os longos commentarios servirão apenas de realçar a insignificancia da obra.

O proverbio é um acontecimento dialogado, sem peripecias dramaticas, nem mutações de effeito. E' a

representação da vida, com a naturalidade, compatível com as exigencias da arte. E' assim que Alfred de Musset, e George Sand o conceberam.

Qualquer que seja a maneira porque se acolha a innovação, é um facto que o genero não existia em Portugal. Valeria a pena introduzil-o? E' essa uma questão que só os seus leitores pôdem decidir.

*Lopes de Mendonça.*

## CASAR OU METTER FREIRA.

### PROVERBIO EM UM ACTO.

#### PESSOAS

O BARÃO.

O CONSELHEIRO.

A MARQUEZA.

D. IGNEZ, *sobrinha da Marqueza.*

EM CRIADO.

UMA CRIADA.

*Sala interior. — Portas ao fundo e dos lados.*

#### SCENA I.

A MARQUEZA só.

*(Pousando um livro em cima da meza).*

Versos! sempre versos! já estou farta delles! Enfastiam-me tanto como uma carta d'amor, especie de circular do coração, que começa e acaba sempre do mesmo modo. *(Bocejando)* Marianna! Marianna!

#### SCENA II.

A MARQUEZA, MARIANNA.

MARIANNA.

V. Ex.<sup>a</sup> deseja alguma cousa?

A MARQUEZA.

Não veio ainda ninguém?

MARIANNA.

Se viesse! já teria vindo dar parte a V. Ex.<sup>a</sup>

A MARQUEZA.

Que resposta deu o Barão á carta que lhe mandei?

MARIANNA.

Mandou dizer que não faltaria ao convite de V. Ex.<sup>a</sup>

A MARQUEZA.

E' um desastrado! Parece que não sabe escrever! . . . .

MARIANNA.

*(Com fingida candura.)* Pois é necessario saber escrever, para se ser barão? . . . .

A MARQUEZA.

Vicste da aldêa, mas já estás esperta — esperta de mais!

MARIANNA.

E' essa a opinião de V. Ex.<sup>a</sup>? *(fazendo uma medida)* Honra-me muito, senhora Marqueza, honra-me muito!

A MARQUEZA.

Não te adiantes com as consoadas . . . . mas antes te quero assim, saberás ao menos entender-me!

MARIANNA.

E julga V. Ex.<sup>a</sup> que ainda o não consegui? . . .

EM CRIADO *annunciando:*

O senhor Conselheiro!

A MARQUEZA.

Mande-o entrar.

#### SCENA III.

O Conselheiro *entrando estouvadamente*, a Marqueza.

O CONSELHEIRO.

Declaro-me réo de lesa-magestade . . . . tive a ventura de escapar á vigilancia do seu guarda-portão!

A MARQUEZA.

Disse-lhe que não estava em casa? . . . . Como espero o barão!

O CONSELHEIRO.

Ah! Marqueza! não podia adivinhar tanta crueldade! Quando se quer receber um barão, fecha-se a porta a um conselheiro? Marqueza — O conselheiro, e o barão são filhos do mesmo Deus, a differença é nos direitos de mercê . . . . quando os pagam!

A MARQUEZA.

Parece-me que somos alguma cousa primos . . . . Devia entrar sem consultar o guarda portão!

O CONSELHEIRO.

Isso é bom de dizer! Dou-lhe os parabens, marqueza, é um verdadeiro cão cerbero; se o não perguntam, pergunta: impõe-se ao desgraçado visitante como um *protocollo*. *(Mudando de tom.)* Quer a marqueza justificar o que se diz por ali?

A MARQUEZA.

*(Com negligencia)* Então o que é que se diz? Conte, conselheiro, conte.

O CONSELHEIRO.

Cousas estupidas! Dizem que acceta a corte ao barão! . . . . Será verdade? . . . . Um barão novo . . . no titulo, com uma marqueza velha . . . na raça já se entende, é possivel que possam concordar!

A MARQUEZA.

Começa como tem por costume, declaro-lhe hoje solemnemente que o acho semsabor . . . . como um *folhetim* de jornal!

O CONSELHEIRO.

Ou como a prosa do barão?

A MARQUEZA.

Má lingua!

O CONSELHEIRO.

Era o que me faltava ouvir! Deveras — achá o barão espirotooso?

A MARQUEZA.

Mas é rico! . . . . O dinheiro é o melhor dos pas-  
saportes . . . . uma burra *chapeada* não inspira espi-  
rito, mas dá tanta cousa! . . . .

O CONSELHEIRO.

Foi tempo! O dinheiro d'elle agora não tine, ran-  
ge! . . . . São papeis do governo!

A MARQUEZA.

Não é tanto assim! . . . . Vendeu os papeis, e des-  
fez-se das notas! . . . . Conselheiro, a acção vale bem  
meia duzia dos seus epigrammas!

O CONSELHEIRO.

Valerá! valerá! . . . mas vale muito mais a pen-  
tração da marquezia! . . . Não sabe a que vem o ba-  
rão tão amiudadas vezes a casa de V. Ex.<sup>a</sup>! . . . Quer  
casar com sua sobrinha!

A MARQUEZA.

Isso é *romântico* em primeira mão! Engana-se, con-  
selheiro!

O CONSELHEIRO.

Então fez-lhe elle a sua declaração?

A MARQUEZA.

Ainda não! Os barões tem ao menos isso de me-  
nos fastidioso do que os outros homens . . . . Julgam  
as mulheres uma fazenda em leilão, e lançam-lhe lo-  
go . . . sem declaração previa!

O CONSELHEIRO.

Pois afirmo que nesse caso é sua sobrinha que es-  
tá a lançar . . . o barão é *romântico*, como a marque-  
za diz!

A MARQUEZA.

Está louco, conselheiro! Uma creança . . .

O CONSELHEIRO.

Fez dezeseis annos?

A MARQUEZA.

Sem titulo!

O CONSELHEIRO.

Não dizem todos que é bonita? . . . E' um titulo!

A MARQUEZA.

Sem fortuna!

O CONSELHEIRO.

E os seus lindos olhos? (*mudando de tom*) A mar-  
queza tem trieta e tres annos . . .

A MARQUEZA.

Vinte e sete!

O CONSELHEIRO.

Ora uma senhora que confessa vinte e sete annos,  
regra geral, tem trinta e tres!

A MARQUEZA.

(*Com um suspiro.*) Aonde aprendeu esse aphorismo?

O CONSELHEIRO.

Não foi no *Hypocrathes*, é mais velho ainda! con-  
ta-se que Eva mentia sempre a Adão a respeito da  
idade, apesar do bom patriarcha a ter visto nascer!

A MARQUEZA.

(*Enfadada.*) Bem! terei trieta e tres, isso o que  
prova?

O CONSELHEIRO.

Pois com trinta e tres annos não entendeu, que se  
tratava de sua sobrinha, que o barão morre d'amores  
por ella, que a julga superior mesmo a uma acção  
das *obras publicas*, no tempo em que o credito subia,  
subia como um balão — bem fornecido de gaz.

A MARQUEZA.

Será possivel, conselheiro? Mas isso transtorna os  
meus projectos! Quando uma senhora chega aos vinte  
e sete.

O CONSELHEIRO.

Aos trinta e tres! (*mudando de tom*) Nada de ne-  
gar as concessões!

A MARQUEZA.

Pois bem! aos trinta e tres . . . descreve do amor,  
e deseja a fortuna. E de mais a mais acha uma so-  
brinha — uma sobrinha que não póde casar com um  
barão . . . velho . . . elle é velho, conselheiro! . . .  
e agiota — agiota furioso! Nunca se viu embrulhar  
renda de França n'uma acção de companhia *fallida*!

O CONSELHEIRO.

Falla como um Evangelho . . . de mulher de trin-  
ta? . . . de trinta e tres . . . como cedeu tão facil-  
mente ao meu algarismo, começo a desconfiar de que  
não irá com a mesma idade com que morreu o Nos-  
so Salvador!

A MARQUEZA.

(*Enfadada*) E a dar-lhe, conselheiro! Quererá por  
acaso fazer a estatística da idade das marquezas? . . .  
Tinha que fazer! ha tantas . . .

O CONSELHEIRO.

Idades?

A MARQUEZA.

Não! marquezas . . . as ondas populares não des-  
cem . . . sobem . . . engolindo os titulos velhos . . .  
em muitos titulos novos! (*com certo orgulho.*) Mas fi-  
cam os nomes! . . . .

O CONSELHEIRO.

Podera não! Como nos fariamos nós differencar uns  
dos outros?

A MARQUEZA.

Repito-lhe, conselheiro . . . que essa não é a sua  
vocação . . . não nasceu para espirituoso!

O CONSELHEIRO.

(*Com ironia*) Pois frequentando V. Ex.<sup>a</sup> admira! . . .  
era abrir os ouvidos, e arregalar os olhos . . . de  
pasmó!

A MARQUEZA.

Faz-me morrer a fogo lento . . . de epigrammas  
sediços! . . . .

O CONSELHEIRO.

Porque lhe digo a verdade? (*mudando de tom.*) O  
barão faz-lhe a corte?

A MARQUEZA.

Como a fazem os barões! . . . Falla-me de empres-  
timos, de *bonds*, de *exchequer-bills*, de *coupons*, de

*alta, de baixa, de credito publico, de confiança* — eu sei lá! . . . até amaldiçoa de vez em quando as *capitalisações*! Saber-me-ha dizer conselheiro, o que são *capitalisações*?

O CONSELHEIRO.

(*Fingindo pensar*) Financeiramente não sei . . . é uma sciencia muito elevada . . . para mim! . . . Agora, em frase ordinaria, é uma vingança contra a usura! . . . e o melhor methodo de fazer banca-rotta! . . . (com negligencia) Eu cá capitaliso todos os meus credores!

A MARQUEZA.

O conselheiro tambem tem credores!

O CONSELHEIRO.

Um bom cidadão segue sempre a marcha do governo . . . e como elle os tem . . .

A MARQUEZA.

O conselheiro não lhe quèr ficar atraz! . . . Ah! conselheiro . . . as dividas é que tornaram necessarios os barões!

O CONSELHEIRO.

Rectifico — marqueza! Os barões é que tornaram indispensaveis as dividas . . . as banca-rotas . . . e as *capitalisações*!

A MARQUEZA.

Todo o caminho vai dar a Roma . . . Os barões arruinaram-me, e eu quero causar a ruina d'um barão . . . casando com elle!

O CONSELHEIRO.

Não é uma obra de misericordia . . . é um plagiato da pena de talião applicada aos costumes.

A MARQUEZA.

Convinha-me o barão . . . Quando uma senhora não tem amor, e quer casar . . . deve escolher um barão — porque . . . o conselheiro bem sabe porque! . . .

O CONSELHEIRO.

Tem pouco que entender o barão inventou a *lettra de cambio*, e a operação de capital e juros, ou podia ter inventado . . . mas a polvora? . . . se a polvora esperasse pelos barões para ser descuberta! . . . Palavra de honra! Ainda nos matavamos uns aos outros a ferro frio!

(*Continua.*)

## CHRONICA.

Temos percebido. Hoje em dia, nenhum jornal satisfaz ás exigencias do nosso publico — sendo politico, sem ter o seu roda-pé, a que chamam *folhetim* — sendo litterario, sem ter a sua *revista* ou *chronica*, e quanto mais sediciosas . . . (litterariamente fallando) melhor. — É moda.

E não é só moda, convivimos nisso. Cada assignante tem (termo medio) mulher, duas filhas, tres paren-

tas, &c.; e todas estas suas amigas, vizinhas e tal. Ora, sendo a maioria das senhoras (portuguezas) pouco dada ás politicas, sciencias, bellas lettras e artes, de que mórmente rezam os jornacs destes dois generos, porém sim mui affeiçoadas á litteratura amena e chocalheira, sicariam privadas do legitimo usufructo da assignatura, se não fosse os romances de *folhetim*, as *revistas*, *chronicas* e *albums*, que para suas excellencias principalmente se escrevem. E assim é que um jornal sem este atavio, lhes parece tão freiratico e capucho como um vestido liso, sem barra, folho ou requife.

Digamos mais. Tambem os homens sisudos (não contando os cabeças-de-vento, que *somos* innumeraveis) gostam de se desenfadarem e espairecer nestes *prados artificiaes* da murmuração jocosa, da critica bicuda, das facecias picantes, das vidas alheias, das noticias inéditas, das balélas e rolêtas do dia, em fim, das *frivolidades*, que é como se deve chamar a tudo isto, com licença dos (Srs.) litteratos que julgam passar á posteridade nas paginas de similhantes ninharias!

Por estes « considerandos », a redacção da EPOCA resolveu, — não na sua alta sabedoria, que fôra arremêdo vaidoso das pragmaticas obsoletas, posto que ainda hoje usadas . . .; mas na sua altissima solicitude de aprazer aos leitores — dar em cada numero a « *Chronica* » da semana decorrida; para o que alliciou . . . alliciou sim! Pois que mais honrosa alliciação pôde haver que o rogo dos amigos? Alliciou, repetimos, uma penna já exercitada neste genero de escripta, e (segundo dizem as más linguas) credora do geral agrado com que o publico a tem sempre acolhido.

Do estilo em que a *Chronica* será redigida, cumpre-nos dizer e assegurar primeiramente, que nunca quebrantaremos os preccitos do decoro, da cortezia, da equidade, e menos ainda os da circumspecção, quando os assumptos a exigirem.

Terá mais de noticiosa que de critica ou censora litteraria. Entendemos que, quantos nesta espinhosa, e hoje tão usurpada magistratura, se suppõem com « famos de juizes », se bem se mirarem ao espelho do *nosce te ipsum*, hão-de vêr-se tambem com « caras de réos. » A *poesia* e a *mocidade* dos nossos dias ha mister de muita indulgencia, a qual todavia não exclue o conselheiro, nem mesmo a fraterna correcção. E essa accitaremos sempre de boa mente, sendo justa. Para a evitar no que podermos, será a *chronica revista* por nós (nas provas, se entende), fazendo toda a diligencia para que ella nos não saia *revista chronica*, visto ser este ultimo vocabulo, como todos sabemos, exclusivo da medicina (quando empregado como adjectivo), para denotar algum achaque teimoso ou incuravel, e desses Deus perserve a nossa pobre *Chronica*.

A narrativa irá sempre limpa de plebeidades repugnantes ou de equivocos, segundo pede a seriedade do plano que para este jornal foi adoptado, e se tem

mantido. Não obstante a linguagem será jovialmente popular, e por vezes burlesca, que assim a usam todos os escriptores typos deste genero. As Revistas de maior reputação e gravidade, nomeadamente as que de proposito acabamos de passar pelos olhos, taes como a *Edinburgh Review*, *Athenaeum*, *Medical Times*, &c., intitulam as suas chronicas: *Gossip of the Week*, que havemos de traduzir por: *Chocalheira da Semana*: ou: *Conversa de Comadres*, de *Senhoras Vizinhas*, &c. Em todos os mais jornaes scientificos e litterarios inglezes, francezes, italianos e hispanhoes, vemos empregado o mesmo estilo, que tanto renome tem alcançado ás pennas mimosas de *Janin*, de *Durand*, de *Gautier*, de *Karr*, de *Bunn*, de *Romani*, de *Canete*, da viscondessa de *Malleville*, &c., &c.: e entre nós ás não somenos de *B. Tisana*, dos escriptores da revista da *Revolução*, da *Nação*, da fulminante chronica do *Pharol*, das noticias da *Revista Universal* e da *Popular*, do feuilleton da *Revue Peninsulaire*, da revista do *Jardim das Damas*, e das futuras chronicas da *Liga*, &c. Além de taes auctoridades, já tinhamos um alvará passado por Boileau quando disse:

... Chacun à ce métier

Peut perdre impunément de l'encre et du papier.

Isso faremos, com venia dos leitores e leitoras — a quem Deus guarde.

Os singularissimos acontecimentos e factos que ora se nos deparam para registrar, não eram para se affogarem na estreiteza de uma chronica semanal, necessitavam da extensão e grossura dos chronicões da idade media, a fim de serem bem narrados e commentados. Aqui, em duas columnas, ficará tudo n'uma feixe mal atado, e tão chato como se o mettessem n'uma prensa hydraulica!

E se não, reparai:

Em quanto lá ao longe o volcão democratico faz estremecer todas as monarchias, tendo abalado já o throno imperial de Carlos Magno, não respeitando se quer a cadeira de S. Pedro — Portugal rivalisa em paz com o imperio da China; não augmenta nem uma patilha; não faz de mais nem um bago de polvora, e ninguem mostra receio pela tranquillidade publica.

Como reino fidelissimo por excellencia, envia com incrivel presteza um dos nossos vapores de guerra (*Mindello*) para proteger o Papa fugitivo, levando a seu bordo um fidalgo de antiga linhagem (conde de Penafiel) portador de uma carta da Rainha, manifestando-lhe os sentimentos da mais piedosa solicitude pela pessoa de Sua Santidade; ordenam-se preces publicas, para que todos os fiéis expiem o desacato brutal feito ao Vigario de Christo na terra, fazendo encerrar por tres dias todos os espectaculos da capital, por effeito de tão profunda consternação; e toda a imprensa periodica manifesta a mais religiosa reverencia pelo soberano Pontifice constitucional.

A par disto, o governo (á cautela) manda arrancar uma casa larga para os doidos no extincto convento de Rilhafolles; — recebe uma deputação medico-cirurgica dos substitutos da escola respectiva, pedindo uma cousa que dizem favorecer muito a perguica; — instaura o conselho d'estado; — faz imprimir á força de serões, na typographia nacional, o orçamento que hade apresentar ás cortes, cuja abertura se cre effectuará pontualmente; — no entretanto (diz-se) elabora nas forjas do gabinete muitas propostas urgentes que revelará ao parlamento, — vai apurando quanto dinheiro pôde haver, para realisar em Londres o pagamento de 130:000 libras (milhão e meio!) juros da divida externa vencidos este mez; — e posto que o hostilise até por causa dos matadoiros, elle por mais que o azoinem não tira os olhos do telegrapho central!

Voltando-nos agora mais para o coração da cidade, observâmos que, sem fazerem caso deste redemoinho exterior, todos teem ido vêr a Phoca; — a companhia do gaz vai estendendo as alas dos seus candieiros já morticuos; — o Gremio-Litterario, convoa os seus invalidos e activos a uma sessão magna para resolverem se devem pôr escriptos a tempo habil!; e trata com os melhores desejos do mundo, de abrir cursos publicos e gratuitos, em quanto as noites dão para isso; — a Liga dos interesses materiaes do paiz discute uma menos de dois projectos de estatutos, e engrossa em socios e projectos de dia para dia; — a Escola Polytechnica instala um curso de engenharia civil, de cuja prelecção d'abertura ninguem nos quiz ensinar a dizer bem; — o Sr. Aragão (Ferrea) annuncia tambem a abertura de um curso de Mnemonica na rua do Caldeira; e n'uma carta typica do estillo familiar, publicada nos jornaes, ajuda-nos a decifrar o modo porque Varrão pôde compôr 300 volumes, que foi de certo como o Sr. Aragão faz, escrevendo até ás 3 horas da noite, e estando já a pé ás 7 da manhã, supponho que a escrever de novo (ainda que isto não uol-o diz a preciosa carta); — um abbade — artistico muito conhecido pelas notas doutissimas dos seus folhetos, e cujos annos e falta de vista mereciam ser mais respeitados, é chufiado desapietadamente pela imprensa militante, por haver feito uma accusação falsa aos dois mais distinctos professores da Academia das bellas-arts; — publicam-se quatro «necrologias» cada qual mais chatinha; — o Sr. Corvo escreve uma linda comedia para a Thalia; — o Sr. Mendonça, mais conhecido pela anthonomasia de *Litterato*, estreia-se no theatro nacional com um drama (*Affronta por Affronta*) optimamente escripto e mui applaudido (vid. o bello artigo analytico que lhe fez o *Pharol* num. 36), mas com a desvantagem de ter feito uma «satyra em louvor» da parcialidade que pertendia lisonjear; — um entremez (*Herdeiro de si mesmo*) do erudito auctor do *Margrão*, é estrondosamente pateado neste mesmo theatro, segundo as regras dadas pelo praxista das ditas, o padre José Agostinho; — o actor Theodorico cada

vez sobressae mais em todos os papeis que representa; — o artista ensaiador Epifanio leva a palma, e muitas palmas, n'um drama difficil (*Coração d'Ouro*); — trata-se seriamente de pactuar com a Sra. Emilia, e se ella não entrar agora para o theatro, é porque não quer; — em S. Carlos vai tudo assim assim, porque *donas* velhas e seccas não podem fazer partido; — o Gymnasio vai alevautando a espinhela com algumas comedias bonitas que ultimamente alli se teem executado, e applaudido; — prendeu-se o supposto cumplice da matricida ha pouco condemnada á morte, o que ha-de attenuar o horror de se julgar que uma mulher (e então chamada Maria!) pudesse por suas mãos assassinar a propria mãe; — é presa no Porto a esposa do general Garcia (D. Emilia Corrêa) por ter dado fuga a seu marido encerrado no castello da Foz, por opiniões politicas: tal procedimento reprovado hoje pelos melhores publicistas, referidos eloquentemente na camara dos pares, por um dos nossos mais atilados estadistas (o Sr. Sousa Azevedo), e apoiado então pelo governo, foi severamente censurado ás auctoridades do Porto pela imprensa daquella cidade, e esta dama que nos faz lembrar Mad. Lefort, acha-se já soita e livre; — congrega-se uma associação de senhoras para solicitar esmolos, a fim de estabelecer hospitaes para os pobres no caso de nos acommetter a cholera morbus: S. S. Magestades remettem-lhe logo setenta moedas d'ouro, e muitas pessoas auxilium valiosamente tão piedosa collecta; — é roubada uma freira moça de certo convento velho, e diz-se que com a mesma « repugnancia » com que Helena se deixou roubar por Paris; — o corpo commercial do Rio de Janeiro faz corar os nossos sovins ricos, mandando de esmola uns 15 mil cruzados (5:700\$200 réis francos) para os asylos pobres de Lisboa, promovida pelo chefe de uma das mais estimaveis e queridas familias desta capital (o Sr. F. Krus); — os fundadores da « Assembléa da Peninsula » festejam a chegada da estação dos seus bailes com um almoço ajantarado (ás 7 horas da noite) do Izidro a la moda (Matta), presente o infatigavel folhetinista *sans peur et sans inappétence*, que á vista do relatorio que nos fez da tal papança, mostra-se habilitado para pertencer ao *club des voraces*, creado pelos republicanos francezes em Paris; — Janta, porém mais á portugueza, e tambem no Matta, o hisarro chefe da guarda municipal de Lisboa com todos os commandantes dos corpos da guarnição; — a Assembléa Philharmonica dá o primeiro rebate para os bailes deste inverno com a brilhante *soirée* de Sabbado 16; — a Academia Philharmonica começa as suas reuniões por um bello concerto, em que se distinguem mademoiselle Cossoul, e as Sras. Santos e Benevides; — o Club Lisbonense dá um baile rigoroso, mas pouco numeroso, Terça feira 19, no qual ninguém se distinguuiu (no trajo, se entende) por isso não ha motivos de conferir condecorações, laudaticias já se sabe, porque a Chronica, seja dito aqui *tout bas*,

ha-de dál-as; — o *Alcaide de Faro* é repetido com dobradiças, e preços dobrados no beneficio do Sr. Theodorico; — a Sra. Moreno escapa do formidavel tranbullião que deu a carruagem do theatro que a conduzia, para nos apparecer primorosamente lithographado pelo mimoso lapis do Sr. Guilelmi, tal como dançou o « *passo hungaro* » na noite do seu beneficio; — os historicos « *moinhos fluctuantes* » desenganados de que não podiam moer trigo, estão agora moendo a paciencia do affamado corrector Lamarão, e dos leitores do *Gratis* com os repetidos annuncios de venda em leilão; — casa-se finalmente uma senhora da alta nobreza, que todos os prognosticos da esthetica e da plastica diziam que ficava para tia! — e para tudo ir ao avesso, o verão de S. Martinho (com pequenos entre-actos d'algumas bâtegas d'agua) ameaça de se ir encorporar na primavera, ficando este anno só com tres estações!

Tal é, *per summa capita*, o quadro diversissimo dos successos occorridos em pouco mais de uma semana!

E ainda além destes « *factos consummados* » sabemos de outros « *pendentes* » entre os quaes podemos mencionar — o proximo enlace matrimonial de um dos melhores poetas que hoje tem a fidalguia portugueza, com uma belleza tambem fidalga e poeta, e a cuja esmerada instrucção e talento, temos ouvido tecer os mais invejaveis elogios; — e o (talvez que effectuado) recebimento de outra menina da nobreza, filha de um antigo ministro d'estado, honra do partido realista, e pae de um poeta tambem distincto. Por isto vemos que está hoje havendo grande attracção entre a poesia e o hymineo. E para fecharmos o capitulo com algum successo romantico, diremos com toda a magoa que nos enlucta o coração, que certo discipulo de Esculapio, á semilhança de nosso pae Adão, está em risco de ficar sem uma costella (porque lh'a quebraram): mas em desforra recorreu á justiça pedindo a sua Eva, que o pae (que é barão) recusa dar-lhe, não obstante a ter adquirido *par droit d'amour et par droit de conquête*.

Agora visto que já nos falta espaço, d'entre as muitas anecdotas proxivamente occorridas, remataremos com uma só, que tem seu chiste para quem a perceber. Certo poeta anonymo, vendo passar uma senhora que outr'ora foi a « *stella matutina* » dos nossos salões, improvisou a seguinte quadra, que decorrou um dos da roda que o cercavam:

Veja esses ossos quem te vio deidade!  
 Já que es do desengano a melhor joya,  
 Nos camarins da cega mocidade,  
 Pendura as rugas por painel de Troya!

Quem seria o arcadico poeta, e quem é a ex-belleza, eis o que cumpre decifrarerem os professores de enigmas typographicos.

*Barão d'Alfenim.*

## NOTICIAS.

### FUNDOS PUBLICOS.

Em 20 de Dezembro.

#### PRAÇA DE LISBOA.

No dia 18 de Dezembro o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa.....	2\$000	2\$040
Tres operações.....	23	25
Inscrições de 5 por cento.....	46	47
Ditas de 4 por cento.....	39	40
Papel-moeda.....	10	12
Titulos antigos (azues).....	6	8
Escriptos para as alfandegas.....	88	90
Na 6. <sup>a</sup> parte	84	85
Acções do Banco de Portugal.....	465\$000	475\$000
Ditas das Lezírias.....	350\$000	360\$000
Ditas — Seguro Firmeza.....	350\$000	360\$000
Ditas — Fidelidade.....	260\$000	280\$000
Ditas — Omnibus.....	70\$000	75\$000
Ditas — Pescarias.....	27\$000	28\$000
Ditas — Vapores do Têjo.....	24\$000	25\$000
Ditas — União Commercial.....	60\$000	62\$000
Ditas — Fiação e Tecidos.....	70\$000	72\$000
Ditas — Valla d'Azambuja.....	100\$000	por acção.
Confiança Nacional.....	410\$000	415\$000
Obras Publicas.....	3 a 4 per cento	

#### ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 7 a 14 de Dezembro de 1848.

	Trigo		Cevada		Milho		Cevada	
	moios	alq. <sup>s</sup>	moios	alq. <sup>s</sup>	moios	alq. <sup>s</sup>	moios	alq. <sup>s</sup>
Entrada.....	1055	20	204	33	15	14	4	—
Despacho.....	916	7	24	42	15	20	17	40
Existencia.....	8380	43	2267	28	679	27	102	8
Preços.....	400 a 540		220 a 240		320 a 340		280 a 320	

#### CEREAES.

Trigo do reino rijo, a bordo alqueire de.....	320 a 390
Molle, a bordo.....	400 a 480
Das Ilhas, a bordo.....	330 a 370
Cevada do reino, a bordo.....	165 a 170
Das Ilhas, a bordo.....	155 a 160
Milho do reino, a bordo.....	270 a 280
Das Ilhas, a bordo.....	—
Centeio, a bordo.....	200 a 205

#### METAES.

	Compra	Venda
Peças de 8,5000.....	7\$980	8\$000
Ouças hespanholas.....	14\$570	14\$600

Soberanos.....	4\$490	4\$500
Ouro cerceado.....	1\$940	1\$970
Dito em barra.....	25	26
Patacas hespanholas.....	920	923
Ditas brazileiras.....	920	923
Ditas mexicanas.....	920	923
Prata em barra.....	28	—

#### CAMBIOS EM LISBOA.

Em 9 de Dezembro.

	Cambios	Cotado	Dinheiro	Papel	Effectuado
Londres 30 d. v.....	52 5 oit.	—	—	—	52
» 60 d. v.....	52	—	—	—	52 7 oit.
» 90 d. v.....	53	—	—	—	53
Pariz 100 d. d.....	535	—	—	—	—
» 3 d. v.....	542	—	—	—	542
Hamburgo 3 m. d.....	48	—	—	—	48
Amsterdam..... dito ..	42	—	—	—	—
Genova..... dito ..	532	—	—	—	—
Vienna..... dito ..	400	—	—	—	—
Trieste..... dito ..	400	—	—	—	—
Lione..... dito ..	144	—	—	—	—
Napoles..... dito ..	670	—	—	—	—
Madrid 15 d. v.....	860	—	—	—	—
Cadiz 15 d. v.....	920	—	—	—	—
Porto 8 d. v.....	½ p. c.	—	—	—	½ p. c. d.

#### ESTADO DO MERCADO.

**Algodão** — Continúa empatado.

**Arroz** — Tem havido algumas vendas para o consumo.

**Assucar** — As vendas limitaram-se ao consumo.

**Borraxa** — Empatada.

**Cacão** — Poucas vendas para reexportar.

**Café** — Algumas vendas para consumo — a existencia é de 13:000 a 14:000 saccas.

**Céa** — Poucas vendas.

**Chifres** — Empatados.

**Couros** — Poucas vendas.

**Cravo** — Prompta venda para o consumo.

**Gomma copal** — Algumas vendas para reexportação.

**Marfim** — Empatado.

**Manteiga** — Baixando, a existencia é de 2:800 barris.

**Salsa parrilha** — Poucas vendas: ha falta da inferior.

**Urzella** — Empatada.

**Vinho** — Tem-se exportado umas 3:000 pipas do novo para o Brazil.

## AVISO.

Estando quasi a finalizar o presente trimestre, rogamos aos Srs. Assignantes das provincias que entreguem a importancia das suas assignaturas aos correspondentes deste periodico.